

## POR CAUSA DA COR DO TRIGO...

---

*Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel*

Dizia Teixeira de Pascoaes em carta a Raul Brandão: "A amizade verdadeira é o maior argumento a favor da existência de Deus"<sup>1</sup>. E talvez seja assim mesmo.

É no riso dos amigos que vivemos a infância. O riso dos segredos cúmplices, das pequenas infracções que ninguém descobriu, da curiosidade partilhada em alvoroço, do sopro sereno do vento nos cabelos.

É nos olhos dos amigos que recordamos a infância. Corridos os anos, a esperança já um pouco gasta, esmorecida a alegria, é nos olhos deles que encontramos por momentos a luz das manhãs de outrora, o entendimento que nasce sem palavras, a emoção do riso solto sem a censura das conveniências ou da idade, a magia das tardes em que se adivinhava a Primavera. É nos olhos dos amigos que, por segundos, repousamos na sensação de que nos afastámos pouco antes quando na verdade os não víamos há meses, há anos, esgaçados entre o trabalho e o desencanto, o trânsito e o cansaço, a vida adiada e a morte pressentida.

É no rosto dos amigos que lemos o nosso envelhecer. As rugas, os cabelos brancos, o brilho embaciado do olhar, o ricto cada dia menos doce que nos vinca os lábios, os gestos lentos de amargura foram crescendo connosco sem que verdadeiramente déssemos por isso. É no rosto dos amigos que sentimos a que ponto o tempo nos devastou, como se de repen-

---

<sup>1</sup> *Raul Brandão – Teixeira de Pascoaes, Correspondência*. Recolha, transcrição, actualização do texto, introdução e notas de António Mateus Vilhena e Maria Emília Marques Mano. Lisboa, Quetzal, 1994, p. 191.

te e pela vez primeira nos olhássemos ao espelho. E é então que nos encontramos inermes, perdidos, desencantadamente lúcidos ante a vida que se esgotou sem que quase nunca saibamos porquê nem para quê. Mas também é no rosto envelhecido dos amigos que descobrimos a centelha de ternura que guardámos ainda quando os dias, de loucas aventuras sonhadas nas tardes chuvosas, se transformaram na própria chuva, miudinha e cinzenta, desinteressante e fria de renúncias.

Sentimento controverso, a amizade. Porque os amigos nos enchem a vida com a sua presença, mas também nos fazem provar o gosto acre da tristeza ou da saudade quando deles nos separamos, e nos deixam um insuportável vazio quando os perdemos. Dizia Séneca, numa *Epistula* a Lucílio em que procurava bálsamos para a ferida aberta da lembrança dos amigos desaparecidos:

Procedamos (...) de modo a que a recordação dos desaparecidos seja para nós um momento de doçura. Ninguém rememora voluntariamente uma coisa em que se não pode pensar sem aflição. Não é naturalmente possível que o nome de algum ente querido já falecido nos venha à memória sem um certo aperto na alma, mas esse aperto de alma nunca ocorrerá sem ser acompanhado de algum prazer. O nosso amigo Átalo costumava dizer "*que a memória dos amigos falecidos nos é agradável tal como certos frutos nos agradam apesar de ácidos, ou tal como no vinho excessivamente velho nos dá prazer o próprio travo; ao fim de algum tempo extingue-se em nós a parte da angústia e sentimos na recordação meramente a parte do prazer*". (...) Eu não partilho esta opinião: para mim pensar nos amigos já desaparecidos é algo que nos proporciona uma doce satisfação. (...) Gozemos intensamente a companhia dos nossos amigos, até porque não podemos saber por quanto tempo o faremos. Pensemos também quantas vezes os deixámos para partir em longas viagens, quantas vezes estivemos sem os ver embora morando na mesma terra: compreenderemos deste modo que, mesmo estando eles vivos, não aproveitámos a sua companhia a maior parte do tempo<sup>2</sup>.

Ontem como hoje. Também Manuel Alegre, no poema "A primeira canção com lágrimas"<sup>3</sup>, dedicado a um amigo morto na guerra, dizia

---

<sup>2</sup> *Epist.* 63, 4-8. Trad. de J. A. Segurado e Campos (*Cartas a Lucílio*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991).

<sup>3</sup> Do livro *Praça da Canção*.

Amigo é uma palavra com aldeias dentro  
com lâmpadas sinais do amigo  
para dizer-nos: estou aqui.

mas logo cortava

(...) Meu amigo morreu.  
Amigo é uma palavra agora com aldeias tristes  
estas paragens percorridas pela ausência  
sem lâmpadas (com lágrimas com lágrimas).

Permitam-me ainda que recorde Marcial. Um dia, tão pesado era o fardo da desilusão, o poeta deixou Roma e regressou à terra natal, na *Hispania*. Pouco antes de partir, é um amigo que lhe vem à memória, um amigo cujo nome nunca surgira até então nos já numerosos livros de *Epigramas* que publicara. É, evidentemente, um amigo da infância e da adolescência: e o poeta refugia-se na lembrança desse *Manius* que não vê há mais de trinta anos para sentir que o regresso tem sentido, para vencer o temor de se arrepender de deixar Roma, para calar o receio de não reconhecer a sua terra, de não ser reconhecido por ninguém, de não ser, uma vez mais, querido de e por ninguém<sup>4</sup>.

E, nesse momento tão difícil, esse único amigo transforma-se, para Marcial, em pátria, repouso, ilusão, porto a que se chega para não mais partir.

Tempos depois, Marcial afundou-se em decepção<sup>5</sup>: a proximidade da morte, o desencanto da terra onde, realmente, quase ninguém o quis, despertam nele a saudade dos amigos que deixou em Roma, em especial de um, Júlio Marcial, cuja recordação se torna refrigério e tortura, paz e angústia. E por isso diz<sup>6</sup>:

---

<sup>4</sup> X 13: *Ducit ad auríferas quod me Salo Celtiber oras, / pendula quod patriae visere tecta libet, / tu mihi simplicibus, Mani, dilectus ab annis / et praetextata cultus amicitia, / tu facis; in terris quo non est alter Hiberis / dulcior et uero dignus amore magis. / Tecum ego uel sicci Gaetula mapalia Poeni / et poteram Scythicas hospes amare casas. / Si tibi mens eadem, si nostri mutua cura est, / in quocumque loco Roma duobus erit.*

<sup>5</sup> Cf. M. C. C. M. Sousa Pimentel, "Quid petitur? Do sonho e do desencanto em Marcial": *Euphrosyne* 21 (1993) 249-61.

<sup>6</sup> XII 34: *Triginta mihi quattuorque messes / tecum, si memini, fuere, Iuli; / quarum dulcia mixta sunt amarum / sed iucunda tamen fuere plura; / et si calculus omnis huc et illuc / diuersus bicolorque digeratur, / uincet candida turba nigriorem. / si uitare uelis acerba quaedam / et tristis animi cauere morsus, / nulli te facias nimis sodalem; / gaudebis minus et minus dolebis.*

Foram trinta e quatro as messes, se bem me lembro, / que eu passei contigo, Júlio. / E nelas, dulçores e amargores andaram misturados: / mas as alegrias, apesar de tudo, foram em maior número; / e se todas as pedrinhas, umas de aquém, outras de além, / fossem distribuídas, em montes distintos e de duas cores, / venceria o grupo das brancas o mais negro. / Se queres evitar alguns desgostos / e prevenir as dentadas amargas do coração, / não te tornes muito amigo de ninguém: / menos prazeres terás e menos sofrimentos<sup>7</sup>.

Termino com um texto que todos conhecem mas que, julgo, lembra como nenhum que a amizade é memória e futuro, lágrimas e riso, serenidade e sobressalto, presença e saudade. É um texto d'*O Príncipezinho* de A. de Saint-Exupéry. Diz o príncipezinho:

– Ando à procura de amigos. O que é que "estar preso" quer dizer?

– É uma coisa de que toda a gente se esqueceu – disse a raposa. – Quer dizer que se está ligado a alguém, que se criaram laços com alguém.

– Laços?

– Sim, laços – disse a raposa. – Ora vê: por enquanto, para mim, tu não és senão um rapazinho perfeitamente igual a outros cem mil rapazi-nhos. E eu não preciso de ti. E tu também não precisas de mim. Por enquanto, para tí, eu não sou senão uma raposa igual a outras cem mil raposas. Mas, se tu me prenderes a ti, passamos a precisar um do outro. Passas a ser único no mundo para mim. E, para ti, eu também passo a ser única no mundo...

(...) se tu me prenderes a ti, a minha vida fica cheia de Sol. Fico a conhecer uns passos diferentes de todos os outros passos. Os outros passos fazem-me fugir para debaixo da terra. Os teus hão-de chamar-me pra fora da toca, como uma música. E depois, olha! Estás a ver, ali adiante, aqueles campos de trigo? Eu não como pão e, por isso, o trigo não me serve para nada. Os campos de trigo não me fazem lembrar de nada. E é uma triste coisa! Mas os teus cabelos são da cor do ouro. Então, quando eu estiver presa a ti, vai ser maravilhoso! Como o trigo é dourado, há-de fazer-me lembrar de ti. E hei-de gostar do barulho do vento a bater no trigo...

(...)

---

<sup>7</sup> Tradução de Walter de Medeiros ("O poeta que buscava um amor": *Biblos* 64, 1988, p. 10).

Foi assim que o príncipezinho prendeu a si a raposa. E quando chegou a hora da despedida:

- Ai! – exclamou a raposa – Ai que me vou pôr a chorar...
- A culpa é tua – disse o príncipezinho. – Eu bem não queria que te acontecesse mal nenhum, mas tu quiseste que eu te prendesse a mim...
- Pois quis – disse a raposa.
- Mas agora vais-te pôr a chorar! – disse o príncipezinho.
- Pois vou – disse a raposa.
- Então não ganhaste nada com isso!
- Ai isso é que ganhei! – disse a raposa. – Por causa da cor do trigo...